

4. Teoria da angústia: de Freud a Lacan

O determinante fundamental da angústia automática é a ocorrência de uma situação traumática, e a essência disto é uma experiência de desamparo por parte do eu face de um acúmulo de excitação, quer de origem externa quer interna, com que não se pode lidar.

Sigmund Freud, *Inibições, sintomas e angústia.*

4.1. Primeira teoria da angústia: afeto transformado pelo recalque

Neste capítulo veremos de que forma a angústia foi teorizada por Freud desde o início da construção da psicanálise até seus últimos trabalhos, percorrendo os principais textos metapsicológicos. Podemos localizar na obra freudiana uma primeira teoria da angústia, compreendida no período de 1890 a 1926. No primeiro momento, referente à década de 90 do século XIX, a angústia era concebida como meramente somática, energia que não havia sido descarregada pela via sexual e por isso estava represada, levando ao adoecimento psíquico. Se ela atingisse níveis inaceitáveis, poderia vir a ser expulsa repentinamente sob a forma de um ataque – pura descarga neurovegetativa.

Já no segundo momento, do qual se destacam artigos de 1915 e conferências apresentadas entre 1915 e 1917, quando os pilares da teoria psicanalítica já haviam sido formulados, a angústia foi concebida como consequência do recalque.

Primeiramente, a fim de apresentar a teoria da angústia de forma a mais esmiuçada possível, desejamos retornar aos primórdios da psicanálise para resgatar um escrito valioso intitulado *Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada neurose de angústia* (1895[1894]), no qual Freud abordou a problemática das neuroses atuais – neurose de angústia e neurastenia.

Devemos salientar, antes de seguirmos com a pesquisa, que segundo Laplanche & Pontalis (1998) a neurastenia apareceu na literatura médica pela

primeira vez descrita como uma fadiga física de origem nervosa pelo americano George Beard (1839-83). Freud introduziu a idéia de que esta fadiga era decorrente da falta de escoamento satisfatório da libido. Ele caracterizou a neurastenia como uma doença nervosa causada por fatores contemporâneos e não por elementos de um passado remoto, dando-lhe, portanto, um estatuto diferente do que havia dado às psiconeuroses²⁴ (neurose obsessiva e histeria), pois não havia na neurose atual nenhum resquício de um trauma vivido na fase infantil, nem indício de um conflito de ordem psíquica. Na sua sintomatologia estavam presentes os seguintes elementos: cansaço físico, cefaléia, dispepsia, prisão de ventre, parestesias espinhais e empobrecimento da atividade sexual. Para concluir, podemos afirmar que nas neuroses atuais os sintomas não exprimiam de maneira simbólica ou sobredeterminada uma oposição entre desejo e defesa, mas resultavam diretamente da ausência ou da inadequação da descarga sexual.

Segundo Freud (1895[1894]), podemos destacar como as causas mais imediatas e determinantes da neurastenia e da neurose de angústia os fatores emergentes da vida sexual, a citar, a masturbação ou poluções frequentes no primeiro caso, e, no segundo, a excitação frustrada pela descarga insuficiente da energia sexual – vista, por exemplo, na prática do coito interrompido. Esses fatores poderiam produzir estas duas enfermidades sem o auxílio de outros elementos, que na verdade possuiriam um papel auxiliar. Assim, se o sujeito não tivesse uma vida sexual satisfatória, em que a energia sexual pudesse ser descarregada suficientemente, ele adoeceria.

Em 1895[1894], o quadro clínico da neurose de angústia foi apresentado da seguinte forma:

- 1) **Irritabilidade geral** – seria o indício de um acúmulo de excitação (acúmulo absoluto) ou de uma incapacidade de tolerar tal acúmulo (acúmulo relativo);
- 2) **Expectativa angustiada** – haveria um *quantum* de angústia em estado de livre flutuação, que controlaria a escolha das representações, quando uma expectativa se apresentasse, estando sempre pronto a se ligar a qualquer conteúdo representativo adequado. A expectativa angustiada, quando ligada, abrandar-se-ia, transformando-se em angústia normal. Este estado psicológico

²⁴ Cabe lembrarmos que a primeira vez que Freud utilizou este termo foi em 1896 no artigo *A hereditariedade e a etiologia das neuroses*, porém antes o teria empregado no *Projeto* (1895), segundo nota do editor da Edição *Standard* Brasileira, Ernest Jones.

podia ser entendido como um estado de alerta, no qual se espera sempre pelo pior. Segundo o autor, ela era reconhecida pelo próprio paciente como uma compulsão;

- 3) **Angústia**²⁵ – a angústia seria latente em relação à consciência. Assim, na maior parte do tempo, restaria à espreita. Deste modo, ela poderia irromper subitamente, sem que fosse despertada por uma seqüência de representações, provocando um ataque, ou poderia comparecer acompanhada da interpretação que estivesse mais à mão. O sentimento de angústia estaria vinculado a uma descarga manifestada através do distúrbio de uma ou mais funções corporais, como atividade cardíaca acelerada, sudorese e respiração ofegante.

Freud fez os seguintes comentários sobre os três fatores que compõem o quadro clínico da neurose de angústia:

- Não se poderia precisar a proporção com que esses três elementos se misturam num ataque de angústia, em virtude da grande variabilidade;
- Apesar de terem sido apresentados associados, todos os sintomas descritos acima poderiam, por si só, constituir o ataque de angústia.

O mecanismo presente nas neuroses atuais era atribuído a uma deflexão da excitação sexual somática da esfera psíquica e ao emprego anormal dessa excitação. Portanto, sua causa estaria localizada fora do campo psíquico, ou seja, fora do campo das representações. Daí a afirmação de Freud de que “a neurose de angústia (...) é produto de todos os fatores que impedem a excitação sexual somática de ser psiquicamente elaborada” (Freud, 1996[1895[1894]], p. 110).

Desta forma, na opinião de Fuks (2007), Freud demonstrou haver na neurose de angústia um decréscimo da libido sexual ou do desejo psíquico em oposição a uma acumulação de excitação somática no organismo à espera de uma ligação adequada.

Conforme Freud (1917e[1916-17]) esclareceu nas suas conferências introdutórias, as causas das neuroses atuais deviam ser atribuídas somente a fatores sexuais somáticos, conforme indicou Freud (1893) em seu rascunho *B*:

Pode-se tomar como fato reconhecido que a *neurastenia* é uma consequência frequente da vida sexual anormal. Contudo, a afirmação que quero fazer e

²⁵ Embora no artigo em português publicado pela editora Imago tenha sido empregado o termo *ansiedade*, optamos por substituí-lo por *angústia* ao longo de todo o trabalho.

comprovar por minhas observações é que a neurastenia é sempre *apenas* uma neurose sexual (Freud, 1996[1950a[1893]], p. 223).

Já a neurose de angústia teria como fonte de excitação e causa precipitante do distúrbio, como Freud afirma no rascunho *E*, uma “acumulação física de excitação – isto é, uma *acumulação de tensão sexual física*” (Freud, 1996[1950b[1894]], p. 237).

Sendo assim, segundo Fuks (2007), inicialmente a angústia foi concebida na metapsicologia freudiana como uma tensão sexual que não conseguia ligar-se psiquicamente, ou seja, que não podia ser transformada em afeto sexual ou em libido psíquica. Para a psicanálise, a angústia é um fenômeno ancorado no real do corpo, revelando que o corpo fala por si mesmo.

Entretanto, Freud não veio mais a se ocupar dessa angústia cuja causa era estritamente ligada a um distúrbio no nível da energia sexual somática, mas voltou-se para a angústia, que nas psiconeuroses, tem sua origem em um conflito de ordem psíquica, sujeito ao recalque.

Sabemos que o recalque não atua sobre o afeto, mas sobre o representante da pulsão, ou seja, sobre uma idéia ou um grupo de idéias a ele vinculadas, separando-os. Freud postulou em determinado momento de sua construção psicanalítica que a angústia era apenas um dos destinos que a energia psíquica podia ter após a incidência do recalque. O afeto poderia igualmente ser suprimido, de forma que não fosse mais encontrado, como verificado numa conversão histérica, daí o caráter *blasé* e a *belle indifférence* encontrados na histeria; ou ele poderia unir-se a outra representação, sendo então deslocado, conforme ocorre nas fobias, cujo caso mais famoso foi o do pequeno Hans. Segundo relatou o pai do menino a Freud, a angústia era nele despertada quando estava diante de um cavalo, pois temia ser por ele mordido. Assim, para evitar o encontro desagradável com a castração, chegou um momento em que deixou de sair de casa.

Era um medo exagerado de Hans, desproporcional à capacidade real do cavalo agredi-lo, o que sugeria que o grave perigo que temia não emanava do cavalo, embora esse tenha sido o objeto que representava o agente da castração. Freud considerava ter havido um deslocamento, pois o medo do cavalo encobria o medo do pai. A angústia neurótica estava sendo motivada por um conflito psíquico, ou seja, era gerada pela existência de desejos eróticos dirigidos à mãe que não podiam ser satisfeitos, e pelo desejo de se livrar do pai, do qual passou a

temer uma retaliação. Esse conflito veio a causar a inibição da criança, que não se permitia mais ir à rua, e o sintoma tomou seu lugar.

Para Freud, a angústia poderia ter uma função adaptativa: quanto mais o aparecimento desse afeto se limitasse “a um início meramente frustrado – a um sinal” (Freud 1996[1917f[1916-17]], p. 396), maior chance teria o sujeito de reagir adequadamente à situação de perigo.

Nesta linha de raciocínio, a angústia realística foi definida por Freud em 1917 como uma reação à percepção de um perigo externo, de um dano que é esperado e previsto, como uma boa herança em termos evolutivos. Estava relacionada ao reflexo de fuga e podia ser vista como uma manifestação da pulsão²⁶ de auto-conservação. Ela se opunha à angústia neurótica, típica de uma fobia infantil.

Então, o que intrigava Freud era justamente o fato de que uma angústia muita intensa revelar-se-ia infundada em termos darwinianos. Concluiu que se ela se manifestasse em excesso, tornar-se-ia inadequada, visto que paralisaria qualquer ação de defesa, inclusive a fuga, levando por fim à morte. Assim, “é tentado a afirmar que a geração de angústia nunca é coisa apropriada” (Freud, 1996[1917f[1916-17]], p. 395).

Portanto, somos levados à conclusão de que a descarga somática de angústia é incapacitante, enquanto, ao contrário, a angústia sinal é de grande valia, na medida em que transmite a informação de que existe um perigo a ser evitado.

Freud ficou muito curioso ao constatar o paradoxo de que embora as crianças se exponham habitualmente a toda sorte de perigo, elas são muito medrosas em certas circunstâncias específicas, como, por exemplo, quando estão no escuro, sem a mãe por perto ou quando se defrontam com as figuras malévolas do imaginário literário infantil, como as bruxas e o lobo mau. Chegou à conclusão de que nestas situações elas se vêem desprotegidas, extremamente vulneráveis e precisam de uma figura de proteção. Ainda mais porque na infância a diferença entre o real e o imaginário não é nítida, e disso decorre o horror. A mãe e as demais figuras que vêm a substituí-la devem estar por perto para garantirem à criança que ela está sendo salvaguardada. Assim, não podemos negar o elo existente entre angústia e desamparo. De fato, a manifestação deste afeto está

²⁶ No artigo em português da Editora Imago consta o termo *instinto*, contudo decidimos substituí-lo por pulsão ao longo de toda a tese.

diretamente ligada à insuficiência da criança em suprir ela própria suas necessidades, necessitando do Outro para protegê-la dos perigos.

Conforme avançava em sua clínica, Freud teve que rever sua teoria de que a angústia era libido transformada após o recalque. Esta tese não dava mais conta do que seus casos clínicos lhe revelavam.

4.2.

Segunda teoria: angústia sinal e angústia traumática

A segunda teoria freudiana sobre a angústia foi apresentada no artigo intitulado *Inibições, sintomas e angústia* (1926), embora, como vimos até aqui, indícios desta mudança já estejam presentes nas conferências introdutórias de psicanálise proferidas no período de 1915 a 1917, como a afirmação de que a angústia pode ser um sinal para o eu se defender de um perigo, que é interno²⁷.

Em 1926, Freud afirmou que, ao contrário do que defendera até então, a angústia não derivava do recalque, mas ao contrário, era uma de suas forças motrizes. Deste modo, o motor do recalque era a angústia sentida frente à castração iminente.

Em determinado momento da infância, o menino passa a ver seu pai como um rival que disputa a atenção e o amor da mãe. Seus sentimentos em relação a ela tornam-se cada vez mais intensos, e, assim, tem início o complexo de Édipo. Porque deseja a mãe, o menino teme vir a ser castigado por seu pai.

A criança imagina que seus pensamentos incestuosos podem motivar uma severa punição e, por essa razão, se sente angustiado. A angústia sinaliza o perigo e leva o menino a recalcar o desejo sexual pela mãe e o ódio pelo pai, ocorrendo, deste modo, o declínio do complexo edipiano. Daí a célebre afirmação freudiana:

Foi a angústia que produziu o recalque e não, como eu anteriormente acreditava, o recalque que produziu a angústia (...). A angústia jamais surge da libido recalçada. (Freud, 1996[1926[1925]], p. 111).

A partir da nova articulação estabelecida entre o recalque e a angústia, Freud desistiu de explicá-la apenas em termos econômicos, e passou a incluir uma perspectiva dinâmica em sua visada. Afinal, um forte indício de que o viés

²⁷ Entretanto, cabe reiterarmos que o interior e o exterior são indistinguíveis para o aparelho psíquico.

econômico não era mais adequado para se compreender a angústia infantil era o fenômeno da inibição, que mereceu destaque no seu estudo sobre as fobias, já que indicava uma reação defensiva frente à angústia de castração. Por essa razão, Freud fez o seguinte comentário:

O ponto de vista que numa fobia o eu é capaz de fugir à angústia por meio de evitação ou de sintomas inibitórios ajusta-se muito bem à teoria de que a angústia é apenas um sinal afetivo e de que não ocorreu nenhuma alteração econômica (Freud 1996[1926[1925]], p. 126).

Para Freud, toda fobia de adulto remonta à fobia infantil, e está sempre relacionada à angústia neurótica, que, em última análise, é angústia de castração. Com Hans, Freud observou esta estreita relação.

A angústia diante dos cavalos surgiu nesta criança quando ele foi proibido pela mãe de mexer no seu “pipi”. Para impedir que Hans continuasse com seu prazer masturbatório, ela começou a lhe fazer ameaças que, com o tempo, deixaram de soar inofensivas. Deste modo, o complexo de castração começou a se estabelecer, e, com ele, a angústia de castração surgiu. Lembremos que inicialmente a ameaça de punição feita pela mãe havia sido recebida de forma muito tranqüila. Ela somente passou a causar efeito, produzindo angústia, num momento posterior. Assim, observamos que a angústia de castração se constituiu *a posteriori*, quando o menino passou a acreditar na ameaça de castração. Esta é uma evidência de que o destino do complexo de castração depende de quão verdadeira pode parecer a ameaça de perda para as crianças. Por isso, a participação infantil na construção desta fantasia é fundamental, conforme indicou-nos o pai da psicanálise: “(...) as crianças constroem para si mesmas esse perigo, utilizando os mais indiretos indícios, os quais jamais deixarão de existir” (Freud, 1996[1909] nota de rodapé, p. 18).

Nas fobias, a angústia ligada a uma representação sinaliza ao sujeito onde se encontra o perigo que deve ser evitado. Daí a percepção freudiana de que “a angústia [*Angst*]²⁸ tem inegável relação com a *expectativa*: é angústia *por* algo” (Freud, 1996[1926-25], p. 160). Deste modo, o sintoma, ou seja, a inibição frente a esse tal objeto, protege o fóbico do encontro com a castração.

²⁸ Esta palavra em alemão se encontra no texto freudiano, portanto não é nossa nota.

Voltando ao caso Hans, ele temia a vingança do pai por seus desejos incestuosos dirigidos para a mãe, daí o temor que sentia de que um cavalo viesse a mordê-lo. Sua fobia encobria os dois principais impulsos edípicos, de hostilidade em relação ao pai e de excesso de afeição para com a mãe.

A partir de 1920, Freud generalizou a noção de angústia como sinal, na medida em que postulou a sua função protetora. O seu aparecimento seria uma forma de se evitar a produção de uma neurose traumática.

Na situação traumática, a angústia não apenas emite sinais como afeto de desprazer, mas também é recriada automaticamente diante do medo evocado pela situação de desamparo. “A angústia, por conseguinte, é, por um lado, uma expectativa de um trauma e, por outro, uma repetição dele em forma atenuada” (Freud, 1996[1926[1925]], p. 161-162). Existem então duas faces da angústia, a primeira, produzida como reação ao trauma no momento do acidente e até em outras circunstâncias, quando o acontecimento traumático é rememorado; e a segunda, reproduzida depois, em situação de perigo, como um sinal.

Sendo o eu a sede real da angústia sinal, como Freud teorizou em 1923, e a energia utilizada pelo eu dessexualizada, (Freud 1926[1925]), não era mais possível manter na teoria psicanalítica a ligação direta anteriormente considerada entre angústia e libido.

Por outro lado, a partir do estudo do trauma na segunda tópica, a distinção estabelecida, desde a invenção da psicanálise, entre angústia automática (involuntária e explicada sob fundamentos econômicos) e angústia sinal (produzida pelo eu diante da ameaça de perigo, explicada, por sua vez, sob fundamentos dinâmicos) foi preservada (Freud, 1926). Para melhor compreendermos como elas se diferenciam, retomemos reflexão de Rudge a respeito:

O que singulariza, portanto, a angústia sinal, o que a diferencia da reação de angústia ou angústia automática? É o fato de que a angústia sinal é a angústia mitigada, inibida, que permite que os indícios do que é mal vindo possam ser reconhecidos e se tornarem manejáveis pelo pensamento. A antecipação é trabalho do pensamento que permite evitar uma angústia maior, o naufrágio na angústia. (Rudge, 2005b, p. 9).

Geralmente, após vivenciar um trauma, o sujeito passa a ter sucessivos ataques de angústia automática. Deste modo, a primeira teoria freudiana da angústia que valorizava o aspecto econômico deste afeto não pôde ser

abandonada. Na neurose traumática, o corpo fala, expondo ao sujeito e ao outro seu grande mal-estar.

Freud citou o nascimento como protótipo do trauma, valorizando em termos a teoria de Rank (1924), segundo a qual, toda experiência de angústia remontaria ao momento de separação da mãe, vivida no parto, no instante do nascimento. Sobre esta tese, Adler fez a seguinte observação:

Não é necessário aventurar-se a ir tão longe como Freud, que vê angústia no processo de nascimento; mas a angústia pode remontar à infância (Adler *apud* Freud, 1996[1917f[1916-17]], nota de rodapé, p. 398-399).

Todavia, em 1926, Freud deixou mais claro sua posição a respeito da crença do nascimento como sendo a primeira situação traumática. Concluiu que quando o bebê nasce, ele não experimenta subjetivamente essa vivência como uma separação, já que neste momento ele ainda não se distingue da mãe como objeto. Em suma, o desconforto que ele experimenta ao deixar o útero materno não corresponde a uma separação no âmbito psíquico.

Desde 1926, na teoria psicanalítica, a angústia automática passou a ser vista como reprodução da angústia de castração, que pode ser entendida como o estado afetivo decorrente da separação da mãe²⁹.

Na opinião de Rudge (2005b), a angústia de castração é apenas uma das versões da angústia, teorizada por Freud como basicamente uma angústia de separação e de desproteção, que não está intimamente ligada à sexualidade, mas sim ao desamparo, portanto vinculada à auto-conservação, conforme descreveu a autora:

Essa angústia é consequência da prematuridade do infante, de sua extrema dependência, e da importância assumida pelo adulto por serem seus cuidados indispensáveis para que a criança não morra (Rudge, 2005b, p. 5).

Portanto, desde esta época, a angústia passou a ser considerada, de acordo com Rudge, como angústia de aniquilamento, cuja gênese é autônoma e independente da libido.

Em realidade, o aparecimento da angústia é uma espécie de reação à ameaça de aniquilamento do sujeito engendrada por uma determinada situação vivida como traumática, que evoca o desamparo. Desamparo este que se estabelece em qualquer momento da vida de um sujeito, como uma espécie de

²⁹ De fato, essa idéia já é encontrada em 1923, no artigo *O ego e o id*.

reedição da situação primeira, de desamparo do bebê que necessita de um adulto para sobreviver. Essas são duas situações que se aproximam, mas não são idênticas, já que o primeiro momento, do desamparo primordial, *Hilflosigkeit*, ao contrário das demais vivências de desamparo posteriores, é, na visão de Freud, estruturante.

O fator biológico cria as primeiras situações de desamparo, cuja resolução está na dependência do bebê da presença da mãe. Aí está a base em que se erige a necessidade humana de ser amado. A dependência física da criança leva ao estabelecimento dos laços afetivos e à enorme necessidade de amor que caracteriza o humano. O desamparo biológico transforma-se em desamparo psicológico, por isso a criança não pode prescindir do outro. Diz Freud: “a angústia é um produto do desamparo mental da criança, o qual é um símile natural de seu desamparo biológico” (Freud, 1996[1926[1925]], p. 136). Nesta medida, a criança se angustiará a cada ausência da mãe, por se ver nestes momentos ameaçada. Essa angústia vai acompanhá-la sempre que algo da ordem da separação se anunciar.

A separação da mãe tomada por Freud como operadora da angústia pode ser lida a partir da teoria lacaniana como o momento de vacilação da condição da criança de ser o falo da mãe, esse objeto que a completa imaginariamente. Seguramente, o bebê precisa ocupar inicialmente esse lugar, isto é, ser desejado para que possa se desenvolver física e psiquicamente. Entretanto, como vimos no capítulo anterior, há um momento em que a criança tem de ser deslocada do lugar de Sua Majestade, o Bebê, e vir a perder o seu reinado a fim de que, daí em diante, passe a desejar ter o falo. Ou seja, saia da posição de objeto da falta da mãe (posição de ser o falo) para ocupar o lugar de sujeito (posição de ter o falo).

4.3.

Lacan: angústia, desejo do Outro e objeto *a*

Enquanto para Freud a angústia era motivada pela separação da mãe, para Lacan, ela estava relacionada ao temor do sujeito de ser tomado por inteiro pelo desejo do Outro. Sabemos que Freud deteve-se na idéia central da ausência da mãe para articular a noção de angústia com a de desamparo. Já Lacan adotou outro caminho, o autor preferiu apostar na presença do desejo do Outro como

causa da angústia infantil, visto que o sujeito se vê ameaçado de ser reduzido a um mero objeto. O horror de ser engolido pela voracidade da mãe é encontrado com frequência nos psicóticos. Podemos evocar neste ponto do trabalho a fala de uma adolescente psicótica, cuja vinheta clínica apresentamos de forma breve no 3º Capítulo, que comentava sobre seu pavor diante de um inseto que lhe causava verdadeiro pânico, a mamangaba – *mamãegaba* - uma abelha grande e peluda que quando voa emite um alto zumbido e cuja picada é muita dolorosa, apesar de ocorrer raramente.

Algumas diferenças na forma de se compreender a angústia e a fobia são percebidas quando comparamos as análises realizadas por Freud e Lacan sobre o caso Hans. Observamos, em primeiro lugar, que Freud estava atento à posição do pai como agente da castração. Em sua visão, o cavalo representava o pai e, por isso, causava tamanho pavor no pequeno Hans, que tomado pela inibição, evitava encontrar um na rua.

Lacan destacou a natureza da relação estabelecida entre uma criança e sua mãe no plano imaginário, isto é, no momento anterior à entrada do pai como função de interdição da relação de completude entre os dois. Lacan perguntou-se sobre o que provocaria numa criança o aparecimento da angústia. E retomando o caso do menino Hans, especulou a respeito do que deveria faltar à criança que não falta. Segundo o autor, não é a alternância entre a presença e a ausência materna que suscita a angústia infantil, pois com esse jogo imaginário, a criança obtém gozo. A angústia se dá quando não há espaço para a mãe faltar. Assim, fez a seguinte afirmação a respeito deste assunto:

O que há de mais angustiante para a criança é, justamente, quando a relação com base na qual essa possibilidade [da ausência da mãe] se institui, pela falta que a transforma em desejo, é perturbada, e ela fica perturbada ao máximo quando não há possibilidade de falta, quando a mãe está o tempo todo nas costas dela, especialmente a lhe limpar a bunda, modelo da demanda, da demanda que não pode falhar (Lacan, 2005[1962-63], p. 64).

A questão primordial no caso da fobia de Hans era a presença do desejo da mãe que não se dirigia ao pai, mas somente ao menino, que percebia isso claramente. Por isso, Lacan (1962-63) afirmou, destoando de Freud, que a angústia não é sem objeto.

Lacan localizou na negação da diferença sexual por parte da mãe de Hans, a formação do quadro clínico do menino e o despertar de sua angústia. A forma

como ela respondeu à pergunta do filho sobre ter ou não um pipi prendeu Hans numa armadilha de ordem imaginária e real. Na medida em que ela confirmou ter um pênis, ela tornou-se um objeto ameaçador, capaz de engoli-lo.

O pequeno Hans, como todas as demais crianças, ignorava a diferença entre os sexos, acreditando na existência de um pênis materno, crença que foi reforçada por sua mãe, conforme indica este diálogo travado entre eles:

Noutra ocasião, ele estava olhando insistentemente sua mãe despida, antes de ir para a cama. “Para que você está olhando para mim desse modo?”, ela perguntou.

Hans: “Eu só estava olhando para ver se você também tem um pipi”.

Mãe: “Claro. Você não sabia?”.

Hans: “Não. Pensei que você era tão grande que tinha um pipi igual ao de um cavalo” (Freud, 1996[1909], p. 19).

Curioso notar que a última fala de Hans revela uma vacilação. Até porque se Hans tivesse certeza de que a mãe tinha um pênis, não teria feito essa pergunta. Quando sua mãe indaga sobre seu desconhecimento, e ele lhe responde como se não soubesse que ela possuía um pipi e, ao mesmo tempo, afirma que supunha ter a mãe um pênis maior que o dele, enorme, como o de um cavalo, fica claro que a falta da mãe havia se revelado ao mesmo tempo em que era escamoteada. Afinal, o pai estava sendo introduzido pelo discurso materno que impunha restrições quanto à atividade sexual infantil, mas ao mesmo tempo, ele era desprezado como objeto atrativo do interesse sexual materno, ela já tinha o que a completasse.

Era a mãe que possuía um “pipi” e não o pai, consolidando imaginariamente seu falo. Essa posição em que ela se colocou, levou à seguinte formulação de Lacan:

A mãe, observem, em relação ao Pequeno Hans, acha-se numa posição ambígua. É proibidora, desempenha o papel castrador que poderíamos ver atribuído ao pai real, diz-lhe: “Não mexa aí, isso é nojento” – o que não a impede, no plano prático de deixar o filho entrar em sua intimidade, e não apenas de lhe permitir que exerça a função de seu objeto imaginário, mas de encorajá-lo a isso. Ele, com efeito, presta-lhe os melhores serviços, encarna perfeitamente o falo para ela, e assim se vê mantido na posição de assujeito. Ele é sujeitado, e essa é toda a fonte de sua angústia e sua fobia (Lacan, 1999[1957-58], p. 199).

Logo, como consequência do efeito do desejo da mãe, Hans ficou inteiramente capturado no que chamou de “paraíso do engodo”, preso na armadilha que ele próprio criara, “confrontado com a hiância imensa que existe entre satisfazer uma imagem e ter algo de real para apresentar: apresentar *cash*”

(Lacan, 1995[1956-57], p. 232). Isto porque o filho não podia responder à demanda materna.

Sem o pai para barrar o gozo materno, Hans transformou-se em mero objeto desse Outro, todo-poderoso e devorador, situação que motivou sua fobia. Lacan localizou o surgimento de toda fobia na avidez da mãe nos cuidados com o filho, enquanto Freud tomou o cavalo, objeto de representação da fobia de Hans, como um substituto do pai. Isto fica claro nesta passagem retirada da obra lacaniana: “Mesmo que seja qualquer cavalo o objeto de sua fobia, é sempre de um cavalo que morde que se trata. O tema da devoração é sempre encontrável, por qualquer lado, na estrutura da fobia” (Lacan, 1995[1956-57], p. 233).

Para Lacan, a eficácia do tratamento clínico realizado por Freud deveu-se ao fato do psicanalista ter encarnado o pai simbólico e, portanto, ter se interposto na relação entre Hans e sua mãe, permitindo à criança, em primeiro lugar, confrontar-se com a falta do Outro, e subseqüentemente com a castração. Diz Lacan:

O pai simbólico é *o nome do pai*. Este é o elemento mediador essencial do mundo simbólico e de sua estruturação. Ele é necessário a este desmame, mais essencial que o desmame primitivo, pelo qual a criança sai de seu puro e simples acoplamento com a onipotência materna (Lacan, 1995[1956-57], p. 374).

Assim, cabe reproduzirmos seu comentário feito sobre o sucesso do tratamento, que se deu apesar de Freud, que só uma vez encontrou o menino, não o ter atendido, e sim a seu pai:

Se a fobia alcança uma cura das mais satisfatórias (...) é na medida em que interveio o pai real, que havia intervindo tão pouco até então, e que, aliás, só pôde fazê-lo porque teve atrás de si o pai simbólico, que era Freud (Lacan, 1995[1956-57], p. 235).

Além de suas contribuições sobre o caso do pequeno Hans, Lacan deu à psicanálise uma nova visada sobre a angústia. Mostrou que ela sinaliza ao sujeito a possibilidade de ser reduzido a objeto pelo desejo do Outro. Embora as aulas sobre angústia tenham sido dadas entre 1962 e 1963, segundo o próprio depoimento de Lacan, a idéia da angústia “como a manifestação específica do desejo do Outro” (Lacan, 2005[1962-63], p. 169), já havia sido introduzida por ele em 1961.

Lacan apontou a existência de uma estrutura da angústia, chegando a afirmar que ela é enquadrada. Para que pudessem compreender o que pretendia dizer com essa afirmação, o autor recorreu a uma pequena análise do sonho do Homem dos lobos³⁰, que reproduzimos aqui nos termos em que foi relatado pelo paciente a seu analista:

Sonhei que era noite e que eu estava deitado na cama(...). De repente, a janela abriu-se sozinha e fiquei aterrorizado ao ver que alguns lobos brancos estavam sentados na grande noqueira em frente da janela. Havia seis ou sete deles. Os lobos eram muito brancos e pareciam-se mais com raposas ou cães pastores, pois tinham caudas grandes, como as raposas, e orelhas empinadas, como cães quando prestam atenção a algo. Com grande terror, evidentemente de ser comido pelos lobos, gritei e acordei (Freud, 1996[1918[1914]], p. 41).

Segundo Lacan, a cena em questão no sonho provocou estranhamento (*Unheimlich*), justamente pela presença dos visitantes – dos lobos. Daí decorre a seguinte afirmação: “A angústia é quando aparece nesse enquadramento o que já estava ali, muito mais perto, em casa, *Heim*. É o hóspede, dirão vocês” (Lacan, 2005[1962-63], p. 87).

Os animais representam uma grande ameaça para o sonhador de ser engolido. E a origem da angústia é justamente a sensação de se ver a mercê do Outro. Este afeto, portanto, advém do sentimento de ser transmutado, passando de sujeito a objeto, um objeto qualquer, prestes a ser devorado e, assim, desaparecer. Por isso, a angústia avassaladora é tão comum num surto psicótico. Ela decorre da experiência de despersonalização, que se inicia pelo fato do sujeito não se reconhecer mais em sua imagem especular. Para saber mais a respeito, tomemos o seguinte comentário retirado da obra lacaniana:

Todos sabem como esse fenômeno é sensível na clínica, e com que frequência é ao não se encontrar no espelho, ou em qualquer coisa análoga, que o sujeito começa a ser tomado pela vacilação despersonalizante (...). Se o que é visto no espelho é angustiante, é por não ser passível de ser proposto ao reconhecimento do Outro (Lacan, 2005(1962-63), p. 134).

Segundo Lacan, o Homem dos lobos temia virar carne fresca para aqueles selvagens animais, ou seja, tornar-se para eles um objeto *a*. Vivia em sonho a possibilidade iminente da morte, isto é, a perspectiva que lhe parecia real de desaparecer como sujeito, deixando como rastro apenas um resto – sangue,

³⁰ Caso clínico de Freud que recebeu esse nome justamente por causa deste sonho, publicado em 1918[1914].

pedaços de ossos... Portanto, através deste caso clínico, podemos compreender que a angústia está intimamente vinculada ao gozo, neste sentido, ela se imbrica também com a pulsão de morte, como indica esta passagem:

Ensurdecedor barulho do silêncio, a angústia se desprende e fica à deriva quando o sujeito está diante do não especular, de algo inapreensível que, como diz o poeta, não tem nome nem nunca terá. Diferentemente do medo que a substitui, a angústia corresponde à infigurabilidade e à irrepresentabilidade de um “para além” do espelho, sempre apreendido com terror: mistura infalível de familiaridade e estranheza. Experiência-limite, pulsionalmente insistente, do registro do inconsciente não recalcado (Fuks, 2007, p. 4).

Mais uma vez centrado na figura do pai como castrador, Freud verificou que existia uma satisfação sexual por trás da cena de seu paciente com os lobos. Assim, identificou como sendo motivador do sonho um desejo infantil sexual recalcado de ser comido pelo pai. Foi determinante para sua conclusão a identificação do mecanismo de deslocamento presente na formação deste sonho, já que o lobo era um substituto do pai. Cabe retomarmos suas palavras a fim de destacar o lugar da angústia neste pesadelo:

A forma assumida pela angústia, o medo de “ser devorado pelo lobo” era apenas a transposição (como sabemos, regressiva) do desejo de copular com o pai, isto é, de obter satisfação sexual do mesmo modo que sua mãe (Freud, 1996[1918[1914]], p. 56).

Na opinião de Freud, este sonho reproduzia de forma deformada a cena – originária – assistida pelo seu paciente de seus pais tendo uma relação sexual e interpretada pelo filho como uma agressão que o pai fazia à mãe.

De acordo com Lacan, o sonho do Homem dos lobos revelou a fantasia primordial sem nenhum disfarce, por isso produziu angústia, conforme deixou explícito nesta passagem: “É por ser a fantasia pura, desvelada em sua estrutura, que esse sonho repetitivo adquire toda a sua importância e Freud o toma como central” (Lacan, 2005[1962-63], p. 85).

Lacan sofreu grande influência de Jones em sua tese de que a angústia é resposta frente ao desejo do outro, o que fica evidente pela observação das inúmeras referências feitas na obra lacaniana ao livro deste psicanalista inglês sobre os pesadelos, em que essa idéia é minuciosamente elaborada (Rudge, 2005a).

Para Jones, as lendas dos monstros temidos pelos homens como os súcubos e íncubos, vampiros e lobisomens, surgiram dos pesadelos. Todos eles, incluindo o Diabo e as bruxas seriam, na verdade, metáforas da mãe desejada que ameaça o filho de ser por ela aniquilado.

Jones (1910 e 1912)³¹ definiu o pesadelo como um sonho intensamente assustador, que é acompanhado de respiração difícil e de uma forte opressão no peito, como se houvesse um grande peso sobre o sonhador. Além disso, há durante estes sonhos ruins uma ausência da capacidade de realização dos movimentos voluntários. Assim, nenhum esforço emitido pelo sujeito para se livrar da situação apavorante surte efeito. Ele quer gritar, pedir socorro, ser salvo, enfim, mas a voz parece não sair; quer fugir, debater-se, mas não consegue escapar; encontra-se, pois, paralisado e terrivelmente angustiado.

Essa noção permitiu a Jones construir uma ligação entre sexualidade e terror (Rudge, 2005a). Para tanto, ele fez uso da primeira teoria freudiana sobre a angústia. Contudo, o autor não se deteve à noção de que a angústia surge em resposta à não liberação da libido. Discordou de Freud porque não considerava ser este afeto energia sexual transformada. Tomava-a como um medo de algo que fosse estranho, e mais, como medo de um perigo interno. Assim, “Jones antecipou (...) o movimento freudiano de abandonar a explicação econômica de angústia e tomá-la como sinal do retorno do recaiado” (Rudge, 2005a, p. 6).

Jones avaliou o pesadelo como expressão do conflito em torno do desejo incestuoso. Demonstrou com sua própria experiência clínica que em todo pesadelo há um tema recorrente, a saber, a desagradável surpresa de um visitante noturno, “um demônio obsceno que se deita sobre o sonhador para copular” (*Ibid.*, p. 6). Essa é exatamente a questão sobre a qual se centra o sonho emblemático do Homem dos lobos.

Segundo Lacan (1962-63), a angústia do pesadelo é experimentada como afeto decorrente da possibilidade iminente de se transmutar de sujeito a objeto, transformando-se em objeto do gozo do Outro, prestes a ser reduzido a um resto, como sugere a seguinte afirmação:

³¹ Conforme ressaltou Rudge (2005a), a primeira parte do livro de Jones *On the nightmare* (Jones, 1931), intitulada *A patologia do pesadelo*, foi publicada na forma de artigo em 1910 no *American International Journal of Insanity*. Já a segunda parte – *Relação entre o pesadelo e certas superstições medievais* – havia sido publicada em 1912 em alemão.

O correlato do pesadelo é o íncubo ou o súcubo, esse ser que nos comprime o peito com todo o seu peso opaco de gozo alheio, que nos esmaga sob seu gozo (Lacan, 2005[1962-63], p. 73).

A angústia introduz a função da falta. Ela é aquilo que sobra da operação do significante, é o resto do sujeito, o que escapa ao simbólico e ao imaginário, é da ordem do real (Lacan, 1962-63).

Segundo Rudge (2005b), na obra lacaniana, a angústia é abordada por dois vieses, a partir do real, que podemos entender como de uma “exterioridade estranha ao significante” (Kaufmann, 1996, p. 38), e a partir do retorno do recalcado. Na primeira dimensão, ela é o que sobra da operação de divisão de sujeito, indicando a proximidade com o objeto *a* – causa de desejo – no plano do real, por isso ela não engana. Na segunda, é a angústia sinal. A angústia como sinal tem como função evitar a reprodução de uma situação de desamparo, estado “reanimado quase sempre diante da onipotência do destino, cujo enigma, em tempos não sombrios, o sujeito vai recobrir com a fantasia” (Fuks, 2007, p. 6).

Lacan (1962-63), em seu seminário sobre a angústia, deu destaque à fundação do sujeito que se dá a partir do desejo do Outro. Segundo ele, a posição originária do sujeito que está por vir é a posição de objeto. O sujeito tende a repetir essa mesma situação, isto é, tende a se recolocar na posição que é a de ser objeto do Outro. Ora, estar nesse lugar suscita angústia porque dessa maneira o sujeito entra em afânise, apaga-se, colocando-se a serviço do gozo do Outro.

Lacan recorreu à alegoria do louva-a-Deus para explicar a desarrimação da angústia em relação à cadeia significante (Pereira, 2002). No seu seminário sobre o assunto, fez referência à aflição que sentiria um homem se estivesse no lugar deste inseto diante de uma fêmea, sem saber qual era a máscara que escondia sua verdadeira identidade; se seria de um louva-a-Deus macho ou não. Sabemos que a louva-Deus fêmea costuma devorar seus parceiros assim que se completa o acasalamento. Disto presumimos que:

A angústia do sujeito decorre do fato de perceber-se interpelado pelo desejo do Outro, sem saber ao certo que imagem ele próprio sustenta ante o olho do Outro (Pereira, 2002, p. 110).

Para Rabinovich (2005), Lacan demonstrou que há uma intrínseca relação entre o duplo do sujeito e a estrutura do objeto na cena da fantasia. Isto porque o duplo representa o objeto *a* na cena fantasmática. Sendo assim, esse lugar-tenente,

que deveria estar vazio, é ocupado por um objeto. O momento do *Unheimlich*, em que o *heim*, o familiar, torna-se estranho, é aquele em que a fantasia não é mais um jogo do qual o sujeito extrai satisfação, mas sim um gerador de angústia. Quando o estranho se manifesta, isto indica que a fantasia passou a funcionar sozinha, e por essa razão o sujeito não pode mais brincar com ela, perdendo seu jogo lúdico (Rabinovich, 2005).

O *Unheimlich* é produzido, segundo a autora, quando a demanda do Outro, que costuma se instalar nesse espaço onde, na neurose, a falta prevalece, é subvertida pela aparição do desejo do Outro. Portanto, no lugar onde deveria haver um vazio, para que houvesse demanda do Outro, aparece o duplo, que representa o objeto *a*, e evoca o desejo do Outro, causando angústia.

Em seu livro em que esmiúça em detalhes as aulas do Seminário X, Rabinovich (2005) brinda-nos com um ótimo exemplo do momento em que o estranho é produzido, uma passagem do filme *Dança dos vampiros* de Polanski, em que um casal dança pelo salão e quando se aproxima de um grande espelho localizado no recinto, apenas um reflexo é nele produzido. “O momento em que o vampiro deixa de ser pessoa e se torna vampiro pode ser assinalado como a passagem do familiar ao não familiar” (Rabinovich, 2005, p. 92). Apenas com a imagem e sem que haja palavras, o público toma conhecimento da identidade do vampiro e do destino de seu par na dança, que se transforma em um objeto pronto para ser sugado. Deste modo, o sujeito transmuda-se em uma fonte de alimento, portanto, ele não é mais representado por um corpo ou por uma imagem, é reduzido a um objeto, para sermos mais exatos, a uma grande soma de sangue. Sendo assim, o momento do estranho é aquele em que a presença do duplo faz do sujeito um puro objeto:

O momento do estranho é, então, aquele em que o sujeito se experimenta em sua não-autonomia de sujeito, como assinala Lacan, como puro objeto. Seu corpo já não é ali imagem especular ou nada que se lhe assemelhe (Rabinovich, 2005, p. 93).

Então, no breve momento em que cai a fantasia, surge a angústia, justamente por expor o sujeito à condição primordial de objeto do gozo do Outro. Nessa ocasião, o sujeito perde as suas referências subjetivas e, com isso, dissolve-se. Daí a seguinte afirmação:

O fenômeno do estranho é justamente a aparição do objeto que faz balançar essa ilusão [de ter uma imagem completa, não despedaçada] levando o próprio sujeito a vacilar. Ocorre quando algo mobiliza um investimento primitivo do corpo que ficou de fora como um resíduo na constituição da imagem especular (Rudge, 2005a, p. 13).

Para Rabinovich (2005), o duplo que faz do sujeito um mero objeto é o duplo real e não o imaginário (da rivalidade), com quem o sujeito disputa os objetos desde a infância. Este é o duplo que está na cena fantasmática como objeto causa do desejo, cuja aparição é impossível de se suportar.

Dessa forma, o fenômeno do estranho desvela a falta que estava encoberta pela ilusão neurótica. Somos todos castrados na neurose. A cola imaginária que mantém integrada uma unidade do eu é relativa, em certos momentos, ela perde sua aderência, ocorrendo um fenômeno próximo à despersonalização.

Segundo Rabinovich (2005), estar à mercê do desejo do Outro não gera a angústia sinal, mas sim a primordial, a da *Hilflosigkeit*, a do desamparo freudiano. Mas sua opinião não é unânime. Rudge (2005a) acredita que nesses breves momentos de estranhamento, sobre os quais Freud se referiu em 1919, não é a angústia traumática que desponta, mas sim a angústia como sinal do retorno do recaiado. Nesse sentido, a angústia sinaliza o retorno do desejo recaiado “do desejo do Outro como desejo inconsciente” (Rudge, 2005a, p. 11). A angústia traumática para Rudge despertaria sim nos pesadelos, e em episódios ligados à psicose, mas não nos momentos de *Unheimlich*, que, segundo Freud, são tão sutis que a literatura é um campo especialmente propício para apreender sua dinâmica.